**O padre e a Inocência**

Noutros tempos não havia festa de aldeia que não metesse um longo sermão. E nem qualquer padre servia para essa tarefa, pelo que era preciso ir, às vezes bem longe, saber de um que desse conta do recado. Tanto mais que, quanto mais longo fosse o sermão — achava o Povo —, mais santificada seria a festa. Por isso, os padres pregavam, pregavam, diziam vezes sem conta as mesmas preces, as mesmas frases... e os paroquianos, as mais das vezes, não chegavam a entender coisa nenhuma. Conta-se na aldeia de Possacos, concelho de Valpaços, que um destes padres estava, certo dia, a fazer um sermão na festa de Nossa Senhora das Neves, e que, falando sobre a inocência e os perigos que ela corre, dizia: — Meus irmãos, olhai que a inocência é cega! Mas dali a nada, voltava a dizer: — A inocência é cega! A inocência é cega! Disse-o uma vez, outra vez, outra e outra... Entretanto os paroquianos, bocejavam uns, outros dormitavam, e pouco ou nada chegavam a ouvir. Encontravam-se, contudo, entre a assistência duas velhotas cegas, uma das quais se chamava Inocência, e que, cansada de ouvir o padre a repetir sempre o mesmo palavreado, a dada altura levantou-se, e disse: — Arre, porra! Aqui a Rita, que está ao lado, também é cega, e o raio do padre não fala nela!

**O padre que mandava roubar**

Havia um padre que tinha uma criada e um criado que era também o seu sacristão. E a este, todos os domingos, enquanto os paroquianos assistiam à missa, mandava-o de fugida fazer-lhes uma ronda pelos currais, para que roubasse, ora uma galinha, ora um coelho, ou mesmo um leitão. Entretanto, a criada, que se chamava Rosa, estava já com os potes ao lume, à espera do que ele trouxesse, de modo que, mal acabava a missa, o padre podia sempre contar com uma bela comezaina em casa.
Os paroquianos, esses, é que nunca chegavam a descobrir nada. Conta-se então que o criado, mal acabava este serviço, apresentava--se na igreja para ajudar o padre no resto da missa. E que, nas cantilenas da celebração, dizia o padre:
— Tu que foste e que vieste,
 diz-me lá o que trouxeste!...

E o criado, agora sacristão, respondia:

— Eu que fui e que me vim,
trouxe de lá um quim-quim!

Queria dizer um leitão. Então o padre continuava:

— Vai a casa e diz à Rosa,
que o asse ou que o coza!